

## **Teses defendidas no Programa de Pós-graduação em Geografia/ UFMG no 2º semestre de 2018**

### **Coureaças ferruginosas e solos associados em diferentes ambientes do Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais, Brasil**

*Autor: Henrique Amorim Machado*

*Orientador: Cristiane Valeria de Oliveira*

#### **Resumo:**

A variabilidade litológica atrelada a um desenvolvimento geomorfológico complexo, faz com que a região do Quadrilátero Ferrífero (QF) possua uma rica diversidade de coberturas pedológicas. Dentre estas, destaca-se por sua unicidade os solos derivados de rochas com alto teor de ferro como os Itabiritos e coureaças ferruginosas. A pedogênese sobre estes materiais produz um material caracterizado pelos altos teores de ferro, alta substituição de alumínio na goethita e maghemita, estruturação dos agregados de forte a muito forte, grande magnetização e relação molecular  $TiO_2/Fe_2O_3$  diferenciada dos demais solos desenvolvidos a partir de rochas básicas e ultrabásicas. Esta pesquisa se dedica ao estudo da formação e transformação das coureaças ferruginosas do QF possuindo como objetivo central analisar como tais coureaças se formam diretamente de rochas, como os itabiritos, e como evoluem se transformando em solos perférricos. As áreas de investigação foram escolhidas a partir de incursões de campo e auxílio de uma cartografia de base, sendo definidas duas áreas: a borda oeste do Sinclinal Moeda e o Hogback da Pedra Rachada. Com a finalidade de caracterizar os constituintes físicos do solo da Serra da Moeda, foi desenvolvido um procedimento metodológico para dispersão de partículas com alto teor de  $Fe_2O_3$ , chegando à conclusão que devido a características genéticas do próprio material, um método que proporcione maior vibração para as partículas sem que estas promovam abrasão demasiada é o mais indicado para obtenção de resultados seguro de frações finas como silte e argila. A formação dos latossolos perférricos dentro do QF se dá por acúmulo de material coluvial no sopé da vertente onde o desenvolvimento de anfiteatros erosivos na media-alta vertente facilita a desestabilização mecânica das coureaças ferruginosas de topo e aumenta a quantidade de materiais transportados em superfície a partir de fluxos concentrados. A existência de um nível cascalhento enterrado, com contatos abruptos com os demais horizontes e sem nenhum indício de parentesco com o material rochoso

sotoposto, reflete que estes latossolos possuem uma gênese policíclica imperante desde a inversão do relevo na Serra da Moeda durante o Mioceno até o presente.

### **Modernização e reestruturações territoriais em Minas Gerais.**

*Autor: Alfredo Costa*

*Orientador: Ralfo Edmundo da Silva Matos*

#### **Resumo:**

Esta tese busca evidenciar empiricamente que o Estado de Minas Gerais passou por importantes mudanças estruturais e modernizadoras induzidas por uma elite letrada ao longo de sua história que denotaram em pioneirismo no processo de modernização urbana, reestruturação econômica e territorial. Apoiar-se nos pressupostos da epistemologia do território e nas técnicas investigativas da geografia histórica, baseada em extensa pesquisa bibliográfica, cartográfica e documental. De maneira auxiliar, dados sobre a população e a produção municipal são arrolados como evidência empírica das reestruturações investigadas. Demonstra-se, assim, que houve um conjunto de processos capazes de reconfigurar o território mineiro e de rearticular sua rede de cidades, transformando sua economia predominantemente rural e sua população espacialmente desconcentrada no século XVIII em outra, no início do século XXI, de forte economia urbano-industrial com maior concentração demográfica nas médias e grandes cidades.

### **Turismo solidário, capital social e desenvolvimento no município do Serro/MG**

*Autora: Maria Flavia Pires Barbosa*

*Orientador: Weber Soares*

#### **Resumo:**

O município do Serro é o locus das questões e reflexões suscitadas nesta pesquisa. Desde as primeiras incursões garimpeiras, no início do século XVIII, essa região proveu com recursos próprios um dos mais importantes ciclos econômicos e sociais da região

das Minas Gerais, e também do Brasil. O impacto desta história: três séculos de mineração não foram suficientes para garantir a prosperidade da região e, hoje, grande parte da população é desprovida de outras fontes de renda que não a agricultura de subsistência e o apoio assistencialista do Estado. Contemporaneamente, o Serro se apresenta como palco para políticas, programas e projetos que buscam, sobretudo, recuperar a economia do município. Neste quadro, a referência ao turismo como campo privilegiado para a promoção do desenvolvimento tornou-se quase um lugar comum, sobretudo em anos recentes. Assim, esta tese serve ao propósito de articular passado e presente, tendo como referência o Programa Turismo Solidário (PTS) – uma política pública do Estado de Minas Gerais, concebida em 2003. Ao recuperar a visão do Estado e colocar em evidência as premissas teóricas que fundamentaram essa política, as razões de seu (in)sucesso ganharam inteligibilidade. O pressuposto central desta tese é o de que o êxito da política implicaria, necessariamente, cooperação, isto é, uma ação coordenada entre os atores envolvidos com o Programa. Daí, a necessidade de compreender a forma de articulação e de organização das famílias que optaram por aderir ao Programa e, ao mesmo tempo, deslindar o modo pelo qual os atores locais vinham conduzindo a atividade turística: seria de forma atomizada ou integrada? Os conceitos de rede social e Análise de Redes Sociais, tais como tratados por Granovetter (1973; 1985), Burt (1992; 2001) e Lin (1999; 2001), foram acionados para explicar a vinculação entre capital social e o fenômeno da ação coletiva aqui estudada. Em síntese, cabem aqui alguns apontamentos: 1) o PTS, na sua concepção, apresentou-se como uma possível ferramenta para a promoção do desenvolvimento. Na prática, contudo, a política reduziu o turismo à sua capacidade de gerar trabalho e renda aos moradores; 2) tendo a solidariedade como um princípio, o efeito do Programa, todavia, foi exatamente o inverso: a competitividade; 3) as relações sociais assumiram notável importância na conformação da rede de turismo solidário no município estudado; 4) a ausência da participação efetiva da população na concepção e formulação da própria política resultou na fraca mobilização e articulação das comunidades; e 5) havia uma permanente tensão entre a tutela, reflexo da dependência explícita de agentes externos, e as necessárias autonomia e emancipação das comunidades envolvidas com a iniciativa. Esses apontamentos servem de suporte à necessidade de se criar uma forte capacidade de ação local em face do peso das imposições vindas ‘de fora’, que, ainda hoje, são grandes obstáculos para o desenvolvimento das comunidades envolvidas.

## **A diferença das vidgeografias: perspectivas de tradução para uma viagem interoceânica**

*Autor: Guilherme Marinho De Miranda*

*Orientador: Cássio Eduardo Viana Hissa*

### **Resumo:**

Esta tese propõe um modo de traduzir o contexto espacial prático-sensível da Carretera Interoceânica, também conhecida como Estrada do Pacífico, concebida como um corredor de integração - entre o Peru, o Brasil e a Bolívia - e vivida pelas vias mais diferentes possíveis, através dos caminhos da tríplice fronteira MAP - Madre de Dios, Acre e Pando. O exercício de tradução consiste em transpor o caráter abstrato e a lógica geométrica de uma rodovia para os termos da expressividade diferencial e da sensibilidade geográfica de uma prática de viagem. O propósito desta operação de passagem é dissolver a espacialidade dura e violenta do planejamento estatal capitalista, através da densidade afetiva de uma prática de criação compartilhada com uma multiplicidade singular de pessoas. Esta transposição criativa se faz a partir de uma viagem de pesquisa, realizada em 2010, via Interoceânica, para reunir registros audiovisuais das histórias de vida e das geografias cotidianas de quem habita, constrói e pensa a integração dos modelos viários e a diferença dos caminhos viáveis. Assim, à pesquisa sobre um contexto geográfico vem se juntar a pesquisa de certa textura videográfica. Nesta tese o leitor encontrará narrativas de viagem, estruturadas em 1102 fragmentos, reunidos em 10 cantos e precedidos por uma argumentação metodológica. Esta estrutura deriva do desvio feito por Gonçalo M. Tavares, através da epopeia ínfima de *Uma Viagem à Índia* (2010), em relação à clássica epopeia de Camões (*Os Lusíadas*, 1572), sendo aqui novamente deslocada, sob a forma de uma epopeia acadêmica, com a função de argumentação crítica e recreativa. À pesquisa de uma contextura vídeo-geográfica vem se juntar, por fim, a tessitura de uma narrativa de viagem. No âmago desta tese encontra-se uma invenção metodológica interessada em apontar e expandir os sentidos de produção do espaço social, nos termos de Henri Lefebvre (1901-91). Isto se dá através de uma prática de tradução vidGeográfica, composta pelo entrecruzamento de vídeos, palavras e sons. Uma prática espacial aberta, assim, à inscrição dos diferentes posicionamentos dos corpos, com seus pontos de vista singulares e irredutíveis, na própria trama comum da pesquisa. A diferença das vidGeografias passa e fica, portanto, como uma prática tradutora de uma viagem interoceânica realizada por Ivo C, uma pessoa múltipla, e o seu coletivo de pesquisadores: Elvira C, Jandira R, Jean M, Luzia T e Osmar X. Uma viagem que os levam até as margens do ameríndio Igarapé Abismo, para traduzir a “fruição” do lado de lá como um “espaçamento” do lado de cá.

## **Uma abordagem territorial dos megaeventos esportivos em Belo Horizonte/MG: análise e interpretação do processo de desterritorialização dos barraqueiros do Mineirão**

*Autora: Karla Trigueiro*

*Orientador: José Antônio Souza de Deus*

### **Resumo:**

Os megaeventos esportivos internacionais são eventos de proporções gigantescas que requerem investimentos elevadíssimos, com duração de curto prazo e com consequências de longo prazo para as cidades-sede; interferindo diretamente na dinâmica territorial, no fluxo de visitantes e na organização do espaço turístico, bem como no planejamento dos grandes centros urbanos, repercutindo conseqüentemente na vivência territorial dos moradores locais. Considerando a complexidade e repercussão desse fenômeno, esse estudo se propôs analisar a percepção das vivências dos atores de distinto grupo, envolvidos diretamente com esse tipo de evento, de maneira a se apreender e compreender os impactos percebidos por meio da desterritorialização desses atores. Para tal análise, foi estudado o grupo focal, Barraqueiros do Mineirão, grupo social esse que tem uma vivência no território em torno do Estádio Governador Magalhães Pinto, vulgo Mineirão, perpassando momentos antes, durante e após o megaevento Copa de 2014, analisando principalmente a fala dos Barraqueiros, por meio de seus relatos sobre as conseqüências sofridas em decorrência da realização desse evento em específico. Assim pretende-se analisar a vivência territorial dos atores diretamente atingidos, a partir da realização dos megaeventos internacionais na cidade de Belo Horizonte, enquanto uma das sedes de megaeventos esportivos internacionais no Brasil. Avaliando a configuração do Território, antes e após a realização da Copa de 2014, os conflitos entre os atores aí envolvidos diretamente e o processo de desterritorialização por eles enfrentado, por meio das visões distintas dos atores escolhidos, que parte de lugar e papel social distinto e perceptível. Como aportes teóricos, nos apoiamos na etnografia, que deu subsídio ao tipo de abordagem proposto desenvolvido por meio da etnogeografia, baseado na percepção dos envolvidos, aproximando-se do território em disputa, buscou-se compreender as repercussões, no cotidiano das pessoas que recebem os megaeventos e/ou que atuam na organização e desenvolvimento, de eventos dessa natureza. Tendo como essência geográfica privilegiada, o Território, sobretudo numa abordagem que privilegia a percepção dos envolvidos, a qual constitui contribuição numa óptica de análise não convencional, dos processos vinculados a estes fenômenos. Os resultados alcançados forma... , que visaram elucidar dados mais perceptíveis a essa análise, tendo, aliás, um caráter de

originalidade por tratar-se de uma óptica humanística. Visou-se concretizar uma reflexão e ampliação dos conhecimentos sobre o tema e a estruturação de uma contribuição teórica em prol da mitigação desses impactos, na ótica do território, da territorialidade e da identidade.

## **A arquitetura da política**

*Autora: Natália Lelis*

*Orientador: Geraldo Magela Costa*

### **Resumo:**

Este trabalho discute os sentidos e as possibilidades de transformação espacial a partir de uma reflexão quanto à dimensão política do planejamento urbano no processo de reprodução do espaço no Brasil.

## **Corpos em baile - giros da literatura, giros do afeto nos Gerais.**

*Autor: Gabriel Túlio de Oliveira Barbosa*

*Orientador: Bernardo Machado Gontijo*

### **Resumo:**

Esta tese propõe um jogo de múltiplas traduções, interações e experimentações entre o espaço geográfico do sertão mineiro e o espaço ficcional das obras do escritor João Guimarães Rosa. Por dentro e nas margens desse jogo - ou dessa travessia - foi preciso transpor o espaço do livro por “uma viagem mais dilatada” e “dar corpo ao suceder”, colocando o corpo do pesquisador em movimento, em experiência sensorial com o sertão rosiano contemporâneo. A partir de experiências de campo multi-situadas, desnudou-se que o “grande sertão da linguagem” transborda para além da obra rosiana, estabelecendo circulações, alianças e conexões surpreendentes com o “sertão do mundo”, em suas configurações socioculturais, ambientais e territoriais em algumas localidades de Minas Gerais. Nutridos pela vitalidade literária, os atores em nosso locus de pesquisa - lideranças locais, instituições não governamentais, unidades de conservação, artistas, comunidades e pesquisadores - estão entrelaçados como uma “rede rosiana”. Análogo à linguagem de Rosa que “libera as muitas línguas presas na língua”, as narrativas, discursos e racionalidades dessa “rede” são capazes de

desestabilizar a linguagem instrumental, desenvolvimentista e monotemática que avança freneticamente pelo Cerrado. Mas como tudo isso se dá? Como se transpõem e se traduzem os discursos do espaço ficcional de Guimarães Rosa (já com grande influência regional e nacional) para o espaço geográfico do sertão mineiro na contemporaneidade – já intensamente transformado do ponto de vista socioambiental e cultural nas décadas seguintes às publicações de Rosa? E qual o efeito, o resultado dessa interação? Como a obra e o espaço se transformam mutuamente? Quais as incertezas, hesitações e perplexidades desse processo? No exercício teórico, reflexivo e propositivo deste trabalho, foi preciso arrastar a língua das geografias do sertão do mundo para fora de seus sulcos costumeiros, para ser mais um corpo que baila, que segue alastrando recados, multiplicando mundos feitos de oralidades, escritas, cerrados, geografias e literaturas.

### **O território camponês como dimensão educativa: desafios e possibilidades da educação do campo e do ensinar-aprender geografia em Grajaú-MA**

*Autor: Marcos Nicolau Santos da Silva*

*Orientadora: Maria Aparecida dos Santos Tubaldini*

#### **Resumo:**

O objetivo desta pesquisa foi analisar a situação da educação ofertada nas escolas do campo do município de Grajaú-MA e, a partir do diagnóstico e da participação coletiva da comunidade escolar, refletir sobre os desafios e as possibilidades para a melhoria e efetivação da educação do campo neste município. Além disso, objetivou-se ainda avaliar o ensino-aprendizagem da geografia nas escolas pesquisadas. A questão central da tese pretendeu desvendar: a precariedade das escolas do campo pode ser entendida como uma faceta da desterritorialização, a qual, ao invés de excluir completamente o acesso da população camponesa à educação, promove uma inclusão precária? A metodologia da investigação amparou-se na pesquisa qualitativa, acompanhada de pesquisa em bancos de dados oficiais (Censo Escolar, IDEB, IBGE, INCRA), da Secretaria Municipal de Educação de Grajaú (SEMED) e na pesquisa de campo junto das escolas. As escolas do campo selecionadas foram a Escola Família Agrícola do Projeto Boa Vista (EFA), de ensino médio técnico em agropecuária, Escola Municipal Bom Futuro, Escola Municipal Pastor José Pires e Escola Municipal Professor José Rufino Sobrinho. As três últimas escolas são de Ensino Fundamental, considerando que,

exceto a Escola Municipal Bom Futuro, todas estão localizadas em assentamentos rurais. Utilizamos a pesquisa participante como fundamento metodológico para orientar as atividades de campo. Em cada escola, as atividades foram desenvolvidas em três momentos com os estudantes: o primeiro encontro realizou-se a apresentação da proposta de pesquisa e atividades lúdicas para melhorar o contato com os estudantes, além de diagnóstico dos problemas da escola e das comunidades; o segundo encontro desenvolveu-se um mapa falado dos problemas indicados no primeiro encontro, utilizando a técnica do Diagnóstico Rural Participativo, bem como a proposição de soluções para os problemas elencados; no terceiro encontro foram realizadas entrevistas com estudantes, a partir da técnica de grupo focal, a fim de dialogar sobre o ensino e a aprendizagem de geografia em cada escola. Além disso, foram realizadas entrevistas com os gestores das escolas e com os professores de geografia. Os resultados parciais evidenciam que, na prática, a educação do campo não existe em Grajaú, pois as escolas reproduzem o mesmo modelo de educação da cidade. Todas as escolas apresentaram condições precárias de infraestrutura, reproduzindo o mesmo modelo de educação no campo brasileiro, a saber: estrutura física inadequada, salas de aula sem conforto térmico, falta de sala de aula para todas as turmas, classes multisseriadas cheias e com difíceis condições de trabalho para o professor, merenda insuficiente, pouco diversificada ou com baixo teor nutritivo, transporte escolar inseguro, precário, bem como estradas com baixa condição de tráfego, falta de professores periodicamente, entre outras. No que se refere ao ensino de geografia, destacou-se que os discentes, em geral, não gostam da disciplina. Os motivos principais são conteúdos distantes de sua realidade, sobretudo, aqueles que tratam da globalização, aulas monótonas e com a mesma metodologia (leitura do livro, copiar conteúdo do quadro ou ditado pelo professor, elaboração de questões com repostas). Em uma escola, entretanto, os discentes apontaram a geografia como uma das disciplinas mais atrativas. O motivo está na metodologia utilizada pelo professor, em forma de seminários, porém a forma como o docente a adequa ao público do ensino fundamental favorece a aprendizagem. Logo a disciplina passa a fazer sentido na vida do estudante.

## **Da crise metodológica à indefinição do objeto – ensaio crítico acerca do projeto de modernização da Geomorfologia**

*Autora: Pedro Henrique Corrêa de Araujo Barros*

*Orientador: Roberto Celio Valadao*

### **Resumo:**

Partindo de observações isoladas acerca das semelhanças e diferenças das características individuais das formas de relevo, fora, desse legado eminentemente espontâneo que a Geomorfologia, no arremate da modernidade, sistematiza as preocupações até então dispersas acerca da ordenação da crosta terrestre e instaura suas balizas científicas. Entretanto, ainda que baseadas sobre a realidade concreta das formas, sua realização, não obstante, mantinha-se, meramente, especulativa. Era, portanto, urgente, à Geomorfologia, fazer ciência moderna em definitivo. Refletindo os estímulos científicos contemporâneos, a pesquisa geomorfológica, em meados do século XX, por exigência da modernidade, diversifica-se e se especializa em vários ramos do saber. Pelo abandono, senão pela crítica, dos métodos do passado, fazer Geomorfologia passou, então, a significar dotar-se de um método sistemático, fundamentalmente prático, quantitativo, expressão máxima do rigor e da objetividade. Orientando-se por regras originárias, fundamentalmente, em um meio teórico exterior à Geomorfologia, a investigação acerca do relevo terrestre, apesar de ter se beneficiado, por certo, de muitos desenvolvimentos positivos, a partir da harmonização de sua prática com o arcabouço das ciências naturais, não percebe que, ao realizar-se, sobretudo, pelo cumprimento dum fazer prático, irrefletido, respaldado por um roteiro metodológico, grande parte de sua pesquisa se degenera. A fim de repercutir, criticamente, as transformações que essa reorientação ontológica e sua consequente reestruturação metodológica trouxe ao campo científico da Geomorfologia, organizamos, então, em três partes, o presente trabalho, o qual procura compreender, através, inicialmente, de um exame historicizado, ainda que breve à luz da complexidade que o recorte proposto demanda, como o empreendimento da ciência moderna foi edificando-se para que, somente daí, repercutamos sobre as maneiras que o saber moderno reverberou na prática da Geomorfologia, pautando-nos, quando possível, em trabalhos consagrados da literatura geomorfológica para orientar nossa exposição. Na parte seguinte, nos lançamos, imediatamente, por uma reflexão analítica, mas não menos propositiva, a fim de expor e interrogar, duma perspectiva mais epistemológica, itinerários da razão que suportam, historicamente, todo o raciocínio geomorfológico e como eles ofertaram, à prática mais recente da disciplina, a

fragmentar-se, de maneira autônoma, a um sem-número de matérias e temas. Por fim, debatemos e problematizamos alguns pontos acerca daquilo que traz especificidade ao campo geomorfológico e que foi, tradicionalmente depauperado, à luz duma análise fundamentalmente mecânica, redutivista, que a modernidade, com suas causalidades essencialmente lineares, impusera a todo o mundo geomorfológico: a natureza intrinsecamente dual do objeto da Geomorfologia – a relação parte-todo, história e eternidade de seu fenômeno.

## **Dissertações defendidas no Programa de Pós- graduação em Geografia/ UFMG no 2º semestre de 2018**

### **Sistema de transformação de solos hidromórficos-cambissolos na superfície de cimeira do Planalto do Espinhaço Meridional - Diamantina/MG**

*Autora: Roberta Borges Parreira*

*Orientadora: Cristiane Valeria de Oliveira*

#### **Resumo:**

Este estudo identifica e investiga um sistema de transformação pedológica na bacia do córrego da Roda, no Planalto de Diamantina – MG. Descreve, analisa e interpreta os dados observados em campos e análises laboratoriais, para compreender o funcionamento dos solos sob as atuais condições pedobioclimáticas, bem como, a relação entre a distribuição e a posição na vertente. A área de estudo está situada na porção sudeste do município de Diamantina, numa superfície elevada de cimeira residual do Planalto Diamantina, condicionada a uma reentrância do relevo. A metodologia utilizada envolve: 1) trabalho de campo: estudo em topossequência, com coletas deformadas e indeformadas dos solos em 4 (quatro) perfis em 3 (três) trincheiras e descrição morfológica dos materiais; 2) análises de dados secundários e cartografia (sensoriamento remoto e geoprocessamento); 3) análises laboratoriais: Granulometria, Argila Dispersa em Água (ADA) e Densidade de partículas (Dp); Determinação do teor de Carbono Orgânico (CO), Determinação do teor de Fe, extraído por Ditionito Citrato Bicarbonato de Sódio (CDB) e Oxalato Ácido de Amônio (OAA) e, micromorfologia. Os resultados demonstram que as organizações dos horizontes ao longo da vertente são resultantes do funcionamento de um sistema de transformação pedológica: Organossolos na zona hidromórfica da vertente, Gleissolos e Cambissolos Gleissólicos na zona de transição e Cambissolos Latossólicos na zona bem drenada (alta vertente). A partir da identificação desse sistema de transformação foi possível detectar as relações de cada zona de alteração, que indicaram a existência de sequências genéticas de evolução da pedo-morfologia. Em outras palavras, cada zona identificada na vertente, representa uma etapa de evolução tanto da cobertura pedológica como da própria

vertente. Deste modo, com este estudo pôde-se evidenciar que: 1) os solos da média e alta vertente são relíquias da cobertura hidromórfica; 2) esta cobertura hidromórfica está em desequilíbrio com as condições pedobioclimáticas atuais e, ocupava outrora, uma maior extensão; 3) o córrego da Roda tende a evoluir a remontante, ou seja, o eixo da drenagem tende a se aprofundar, dissecando o platô e desaparecendo com o ambiente hidromórfico; 4) a distribuição atual dos solos e do relevo na bacia do córrego da Roda se deve à evolução ao sistema de transformação pedológica; 5) a unidade reliquia da superfície aplanada de cimeira remanescente, não é um fenômeno isolado na paisagem, ou seja, estas unidades reliquiares incidem em outras áreas do Espinhaço Meridional.

**ERRATA**

- Na *Capa* da revista Geografias, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018:

Onde se lia:

“Julho - Dezembro de 2018 vol. 26 - nº 2 2018”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018”

- Na *Ficha catalográfica* da revista Geografias, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018:

Onde se lia:

“Geografias: Revista do Departamento de Geografia/Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG - Vol. 26 nº 2 (Jul-Dez) 2018 - Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2018”

Leia-se:

“Geografias: Revista do Departamento de Geografia/Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geografia do Instituto de Geociências, UFMG - Vol. 14 nº 2 (Jul-Dez) 2018 - Belo Horizonte: UFMG, Departamento de Geografia, 2018”

- No artigo *Fragilidade emergente da bacia hidrográfica do rio Duas Bocas, Espírito Santo: uma análise integradora da paisagem*, de autoria de James Rafael Ulisses dos Santos e Eberval Marchioro, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.26, n.2, 2018”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018”

- No artigo *Cartografias como denúncia: as ameaças às Terras Indígenas no Estado de Rondônia*, de autoria de Alex Mota dos Santos e Salete Kozel, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.26, n.2, 2018”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018”

- No artigo *Ecoturismo em áreas protegidas: um olhar sobre o perfil de visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil*, de autoria de Altair Sancho-Pivoto, Alexandre Fonseca Alves E Maria Clara Rezende Rocha, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.26, n.2, 2018”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018”

- No artigo *Mobilidade pendular e autossuficiência econômica na Periferia Metropolitana de Belo Horizonte/MG*, de autoria de Carlos Lobo, Leandro Cardoso, Ralfo Matos e Eduardo Guimarães, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.26, n.2, 2018”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018”

- No artigo *Lugares e paisagens virtuais: uma aproximação conceitual e metodológica de representações geográficas em jogos digitais*, de autoria de Leandro Cosme Oliveira Couto, Lucas Diniz de Areda, Luiz Eduardo Panisset Travassos e Sandro Laudares, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.26, n.2, 2018”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018”

- No artigo *Lógica fuzzy associada ao risco de inundação no município de Nova Lima/MG*, de autoria de Júlio Ramissés Ladeia Ramos, Marcos Antônio Timbó Elmiro, Marcelo Antonio Nero, Plínio da Costa Temba e Gilmar Rosa, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.26, n.2, 2018”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018”

- No documento *Teses e Dissertações defendidas no Programa de Pós - Graduação em Geografia*, publicado na revista Geografias, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018, no cabeçalho de todas as páginas:

Onde se lia:

“Revista **GEO**grafias, v.26, n.2, 2018”

Leia-se:

“Belo Horizonte, v. 14, n. 2, jul./dez. 2018”